

# Guerra comercial, desaceleração do mundo e recuo da Selic: entenda o que explica a alta do dólar

Movimento de valorização do dólar é global e afeta, sobretudo, as moedas de países emergentes.

Por Luísa Melo e Luiz Guilherme Gerbelli, G1

29/08/2019 17h08 · Atualizado há 15 horas

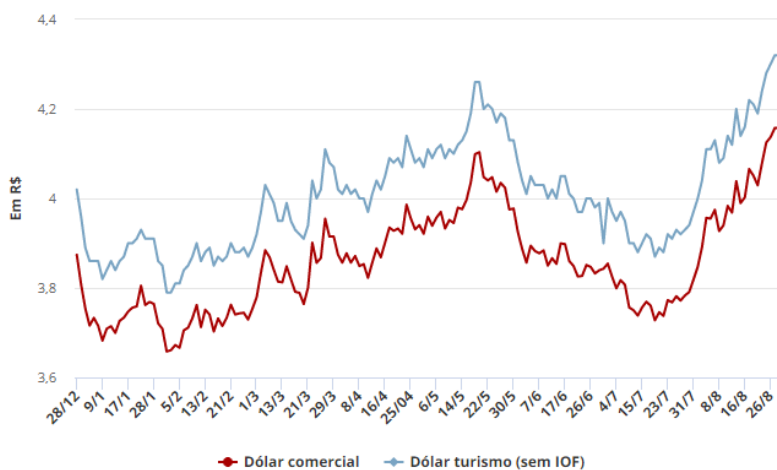


Ao longo do ano, moeda norte-americana deixou a faixa R\$ 3,80 e se aproximou dos R\$ 4,20 — Foto: pasja1000/Creative Commons

A cotação do dólar subiu de patamar desde o início do ano. A moeda norte-americana deixou a faixa R\$ 3,80 e se aproximou dos R\$ 4,20 – nesta quinta-feira (29), fechou a R\$ 4,1704, no maior nível desde setembro do ano passado, quando o país lidava com as incertezas da eleição presidencial e quando o dólar bateu seu recorde histórico frente ao real.

## Variação do dólar em 2019

Diferença entre o dólar turismo e o comercial, considerando valor de fechamento



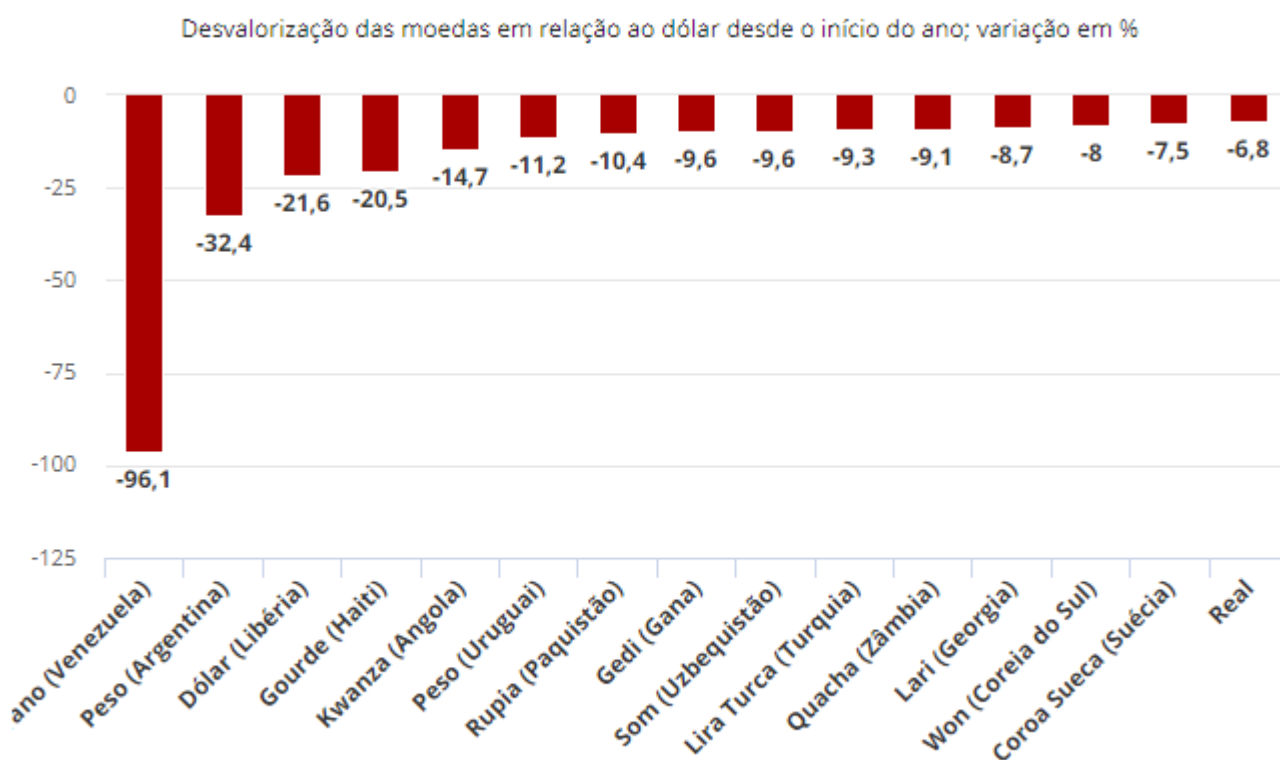
Fonte: ValorPro

◆ Dólar comercial ◆ Dólar turismo (sem IOF)

A valorização do dólar não se dá apenas em relação ao real: o movimento é global. Até terça-feira (27), o real era apenas a 15ª moeda que mais perdeu valor em relação ao dólar neste ano, mostra um levantamento da **agência de classificação de risco Austin Rating**.

"A perda de valor da moeda brasileira frente ao dólar não é um fato isolado. Esse movimento de fortalecimento do dólar é praticamente global", afirma o **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**. O bolívar, da Venezuela, é a moeda que mais perdeu valor. Na sequência, estão o peso argentino e o dólar da Libéria.

## Ranking das moedas



Fonte: Austin Rating; dados até 27 de agosto

Há uma série de fatores globais que explicam o fortalecimento do dólar ao redor do mundo:

- A incerteza provocada pela guerra comercial entre Estados Unidos e China;
- Os sinais de que a economia internacional está desacelerando.
- Mas há questões locais que também ajudam a turvar o cenário:
- A queda da Selic diminuiu o diferencial de juros da economia brasileira para as demais. O que indica que o ganho com juros deixou de ser tão atrativo para o nível de risco do país;
- Os investidores ainda enxergam alguma incerteza na agenda de reformas econômica do governo.

Essa combinação de questões locais e internacionais reforça um quadro de incerteza, o que faz com que os investidores procurem ativos financeiros considerados seguros – como ouro e dólar. É por isso que eles se desfazem da moeda brasileira e de outras divisas de emergentes.

"O grande problema é a guerra comercial cada vez mais acirrada e sem perspectiva de uma resolução no curto prazo", afirma o sócio e chefe da mesa de câmbio da Frente Corretora, Fabrizio Velloni.

A falta de previsibilidade gerada pelo conflito atrapalha todo o fluxo de comércio global e afeta os preços das commodities. Além disso, a consequente desvalorização da moeda chinesa, que atingiu recentemente a menor cotação em relação ao dólar desde 2008, pressiona o câmbio de outros países.

"Os mercados emergentes acabam tendo que ajustar valores [para competir] porque o maior exportador passou a desvalorizar a moeda", explica Carlos Menezes, sócio da gestora Gauss Capital.

Os sinais de desaceleração da economia global também deixam os investidores avessos ao risco. O salto mais recente do dólar começou no dia 31 de julho, quando os Estados Unidos cortaram sua taxa de juros pela primeira vez desde 2008, indicando que a atividade do país começa a precisar de estímulos.

Essa fraqueza global é intensificada pela guerra comercial, mas tem origens mais profundas.

"Os países desenvolvidos têm tido dificuldade de voltar a ter ciclos de crescimento. A baixa renovação da população economicamente ativa [causada pelo envelhecimento] e mudanças nos fatores produtivos, principalmente ligadas à internet, fazem com que o crescimento esperado dos países seja constantemente revisado para baixo", diz Menezes.

## Problemas internos

À parte dos fatores externos, a demora da economia brasileira para engrenar em uma trajetória firme de crescimento também contribui para a desvalorização do real.

**"Existe pouca demanda pela moeda de um país que não cresce. Será muito difícil o Brasil ter uma performance melhor do que a de outros países emergentes enquanto não mostrarmos que a agenda de reformas está impactando a atividade econômica", pontua Menezes, da Gauss Capital.**

A corrida por dólares, que faz a moeda subir, também tem relação com a queda dos juros básicos no país, segundo ele. A Selic está em 6%, o patamar mais baixo da história e a expectativa dos economistas ouvidos no boletim Focus, do Banco Central, é de que a taxa encerre o ano em 5%.

Com isso, a diferença de custo para tomar empréstimos no Brasil em relação a outros mercados caiu, o que levou empresas a um movimento de troca de dívida, aumentando a procura por dólar e pressionando o câmbio.

"Antes os mercados desenvolvidos tinham uma taxa de juros muito mais baixa que o Brasil, agora o custo do 'spread' caiu. Muitas empresas emitiram dívida local para pré-pagar a dívida estrangeira e para fazer isso elas têm que comprar dólar. Elas pegam dinheiro aqui, compram dólar e pré-pagam a dívida. A vantagem é que elas não ficam expostas ao risco cambial", diz Menezes.

## **Intervenção do BC**

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, chegou a afirmar que a recente desvalorização da taxa de câmbio está dentro do padrão normal, sinalizando que a autoridade monetária não iria reforçar sua atuação no câmbio. Mas, depois disso, a moeda chegou a encostar em R\$ 4,20 na terça-feira e o BC teve de realizar um leilão adicional de dólares à vista, com taxa de corte de R\$ 4,1250.

A última operação do tipo tinha sido feita em fevereiro de 2009, quando a economia global ainda enfrentava os efeitos da crise financeira internacional. Na prática, o BC usou as reservas internacionais do país para conter a variação do câmbio.

**"O BC atua no mercado na hora em que o investidor parece desesperado até ele volte para uma racionalidade", afirma Velloni.**

Com a expectativa de que a racionalidade retorne aos mercados, Velloni avalia que o dólar pode ceder em relação ao real.

O economista Antonio Madeira, da consultoria LCA, acredita que a percepção de risco pode ser reduzida a partir de setembro, quando bancos centrais devem baixar juros, aumentando a liquidez no mercado global. "Tudo está condicionado à melhora do ambiente externo", diz.

Atualmente, os analistas consultados pelo relatório Focus avaliam que o dólar deve encerrar o ano cotado a R\$ 3,80.